

“Olhares compartilhados”: (des)continuidades, interseccionalidade e desafios da relação Sul-Sul

Entrevista com Zethu Matebeni

Ao perguntarmos para a professora da University of Cape Town (UCT) como deveríamos apresentá-la nas conferências proferidas nos seminários Enlaçando Sexualidades (UNEB) e Numa Apresenta (USP), que ocorreram na primeira semana de setembro deste ano, respectivamente em Salvador e São Paulo, Zethu Matebeni foi taxativa: “sou uma ativista na academia”. A resposta não foi surpresa para aqueles que, como nós, conhecíamos as trajetórias de pesquisa e engajamentos desta que se revela antropóloga através de um sensível olhar etnográfico, documentarista, roteirista, com formação em sociologia University of Port Elizabeth (atualmente Mandela Metropolitan University) e PhD realizado entre a Yale University (Estados Unidos) e a Witwatersrand University (Joanesburgo), no internacionalmente renomado instituto de pesquisa conhecido como WISER.

No período em que estivemos juntas no Brasil, Zethu Matebeni percorreu com profundo interesse e intensidade espaços sociais diversos de ambas as cidades: das relações travadas nos encontros acadêmicos e com grupos de pesquisa, passamos por candomblé, passeios pelos centros históricos, conversas com escritoras da periferia de São Paulo e contatos com alguns trabalhos sociais realizados na região. Em todo o percurso, as comparações entre a África do Sul e o Brasil foram constantes. Suas palestras arrebataram as plateias de ambas as cidades e a entrevista que se segue, complementa em certa medida o texto da conferência que publicamos como artigo neste número em português e em inglês, parte do dossiê “Olhares cruzados para a África: trânsitos e mediações”.

A entrevista não traduz completamente a intensidade das trocas realizadas, mas apresenta a um público mais amplo parte do cenário e algumas das principais questões e desafios das produções científicas e políticas da África do Sul pós-*apartheid* sob a lente de seu olhar. Esperamos com esse empreendimento

Por

Thais Tiriba
e Laura Moutinho
Universidade de São Paulo
São Paulo, SP, Brasil

thaistiriba@gmail.com,
lmoutinho@usp.br

DOI

[http://dx.doi.org/10.11606/
2179-0892.ra.2017.141743](http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.141743)

aproximar mais as reflexões e interesses entre esses dois países do hemisfério sul que, de fato, possuem histórias coloniais e línguas distintas, mas que se aproximam em muitos e variados aspectos de forma desafiadora.

Gostaríamos de começar perguntando sobre sua trajetória como professora, pesquisadora e ativista na África do Sul. Você poderia nos contar sobre isso?

ZM – Como uma jovem estudante lésbica, eu estava muito interessada em ler trabalhos acadêmicos ou literatura popular que dialogassem com a minha experiência, o que não aconteceu entre os muros da universidade. Em vez disso, encontrei partes de mim mesma em um grupo feminista lésbico que comecei a frequentar na cidade onde eu vivia. Foi nesse ambiente que meus interesses de pesquisa e meu ativismo foram moldados e nutridos. Essas mulheres me ensinaram a me engajar no mundo como uma jovem, lésbica e cidadã que tinha recentemente adquirido direitos em uma África do Sul pós *apartheid*, em 1994. E assim, quando iniciei a pós-graduação, meus interesses giravam em torno do mundo das mulheres, especialmente aquele ao qual eu havia sido exposta por meio delas. Um dos desafios, entretanto, era o fato de que nos anos 1990 os círculos feministas lésbicos eram extremamente *whites*¹. Mais tarde, achei necessário me engajar com mulheres *blacks*, junto a quem eu poderia compreender o mundo mais profundamente.

Que autoras² e questões eram importantes para você durante a graduação e o doutorado?

ZM – Meus estudos durante a graduação foram na área de Ciências Sociais. O que me lembro especificamente é como me empolgava aprender sobre a pesquisa científica e seus métodos e técnicas. Esse interesse se desenvolveu ainda mais na pós-graduação. Os primeiros estudos que fiz eram de natureza quantitativa, devido principalmente ao tipo de treinamento pelo qual passei e às questões que eu estava interessada em investigar. Após terminar a graduação, eu trabalhei por um breve período em uma fábrica de veículos automotivos. Essa experiência me revelou as várias formas pelas quais a exploração do trabalho operava. A fábrica onde eu trabalhava era a principal empregadora de minha cidade, sendo fundamental para a sobrevivência de muitas famílias naquela época. Meu pai passou toda sua vida trabalhando lá e ganhando muito pouco. O tempo gasto nessa fábrica, compreendendo a linha de montagem, a produção e como o capitalismo funcionava, mudou a minha vida. Nesse processo, fui desenvolvendo uma apreciação mais profunda da obra de Karl Marx. Posteriormente, as críticas feministas sobre o mundo do trabalho se tornaram muito mais instrumentais. Quanto mais eu lia, quanto mais eu trabalhava, com mais raiva eu ficava. A raiva

1 N.T. De modo a chamar atenção para a dinâmica classificatória local, bem como as variadas expressões das identidades raciais e das distintas experiências com o racismo, as categorias de identificação por cor ou raça foram mantidas em inglês, seguindo as normais de escrita do português. Seguimos com esse procedimento a sugestão de Moutinho, de modo a tentar evitar um colamento e uma transposição de sentidos entre contextos diversos. Ver MOUTINHO, Laura. 2015. "On *The other side?* Das implicações morais de certos horizontes imaginativos na África do Sul". *Anuário Antropológico*, v. 40: 77-97.

2 N.T. No inglês, diversos termos tais como *author*, *anthropologist* ou *scholar* não apresentam marcação de gênero. Na tradução, demos preferência para o feminino universal.

me impulsionou a seguir com os estudos e com o ativismo. Quando fiz meu doutorado, eu sabia que queria escrever sobre lésbicas *blacks*. Isso era muito difícil na ocasião, apenas uma pessoa na África do Sul havia produzido sobre esse tema. Eu não conseguia me enxergar nesse trabalho, talvez porque sua autora o tivesse escrito como *outsider*. Eu era *insider*, apesar dessa questão ter se tornado mais complexa durante o doutorado. Antropólogas e estudiosas estadunidenses se tornaram minhas interlocutoras. Isso era concomitantemente fascinante e decepcionante. Embora eu encontrasse alguma relevância em seus trabalhos e na riqueza de suas reflexões, nossos contextos eram completamente diferentes.

Zethu, seria muito interessante saber mais de sua experiência como professora queer e black na University of Cape Town (UCT). Em ambas as conferências que ministrou no Brasil em 2017, você falou a respeito do “projeto de ocidentalização do conhecimento”, e também do fato de que, para muitas de suas alunas, é difícil relacionar suas experiências de vida ao conteúdo que se espera que elas assimilem na universidade. Você afirmou que os regimes de produção de conhecimento acadêmico desconectam o projeto intelectual das realidades vividas das pessoas. Gostaríamos que você elaborasse sobre isso, baseada nas suas experiências em sala de aula e naquelas de suas alunas.

ZM— Quando comecei a trabalhar na UCT em 2011 fui contratada como pesquisadora do Institute for Humanities in Africa (Huma). Esse era um espaço vibrante e interdisciplinar, que me possibilitou moldar meu campo de pesquisa e encetar uma série de reflexões. Pude levar para a universidade o projeto de *queering the academy*. Isso não era necessariamente novidade na UCT, mas como eu era uma ativista lésbica *black*, essa iniciativa adquiriu um novo significado. Na verdade, não havia naquele momento muitas acadêmicas que debatessem explicitamente suas orientações sexuais e políticas, tampouco que levassem essas questões para suas pesquisas ou para sala de aula. O instituto de pesquisa, Huma, possibilitou-me mobilizar minha experiência vivida no espaço da universidade. Entretanto, quando entrei em sala de aula pela primeira vez na UCT, fiquei chocada com o fato de que a maioria das alunas e dos alunos ser *white*, e que compartilhavam uma cultura extremamente heteronormativa. A turma também ficou chocada, pois eu era *black*, radical, lésbica e eu encarnava o conhecimento que estava compartilhando. Mais que qualquer leitura a que as estudantes estivessem dedicadas, meu corpo e minha existência se tornaram o texto. Isso era necessário principalmente para as alunas *blacks*. Juntas, nós perguntamos como o conhecimento poderia nos representar de modo que nos fosse significativo. Quanto mais as alunas interrogavam, mais eu trazia a completude do meu ser para a sala

de aula. Isso era novo e assustador para elas e para mim. Um dos cursos que eu estava lecionando chamava-se “Poder e Sociedade” e ele se deu justamente durante o movimento *#RhodesMustFall*. As alunas desse curso foram apresentadas ao trabalho de Paulo Freire, que repercutia nelas muito bem. Muitas viam a si próprias como ativistas, mas não tinham aprendido sobre Freire ou se deparado em sala de aula com os escritos de Frantz Fanon, de Steve Biko, de bell hooks. Essas autoras, e muitas outras, fizeram com que as alunas se sentissem representadas e visíveis no espaço de aprendizagem. Elas entenderam ainda que tinham um papel desempenhar na produção de conhecimento em sala de aula e para além dela. Foi nesse contexto que as alunas começaram a interrogar os apagamentos das formas ocidentais de conhecimento, que perpetuavam a empresa colonizadora. De seus pontos de vista, esse conhecimento já não era defensável.

Você trouxe a ideia de que queerness começa num momento de interseccionalidade. Na sua opinião, qual a importância de promover queerness e interseccionalidade nos movimentos sociais na África do Sul hoje? E na academia?

ZM – *Queerness* não é novidade nos movimentos sul-africanos, embora venha ganhando tração recentemente com a cultura popular e as mídias sociais. Desde o começo do movimento gay e lésbico, no fim dos anos 1980 e início dos 1990, as políticas *queer* estiveram presentes. O que é necessário agora é ler os eventos atuais através de lentes *queer*. Eu defendo que *queerness* na África do Sul é necessariamente interseccional. A meu ver, pelas lentes de que faço uso, isso deveria ser muito evidente. Nossas lutas como pessoas da classe trabalhadora *black*, lésbicas, gays, bissexuais, trans e *intersex*, cujas histórias foram deslocadas e cujos lares foram despossuídos, são parte do tecido de nossa existência interseccional. Então, para muitas de nós, *queerness* não diz respeito apenas a sexualidade e identidade de gênero. Trata-se de histórias que são continuamente apagadas e de nossas lutas para reescrevê-las e reinseri-las, a elas e a nós mesmas, no presente.

Zethu, certos paralelos poderiam ser traçados entre essas discussões e a proposta incipiente do turning South a que você se referiu nas conferências no Brasil. Na sua opinião, qual a relevância de se produzir novos conhecimentos desde o Sul e quais são alguns dos desafios que essa tentativa implica?

ZM – Esse é um trabalho novo que estou desenvolvendo a partir de uma perspectiva *queer*. Numerosas estudiosas vêm teorizando desde o Sul. Muitas descartam as realidades *queer* de suas teorizações. Isso é um desafio porque elas reproduzem esses mesmos apagamentos que mencionei, que são desnecessários. Existe um arquivo rico no Sul, e as estudiosas precisam acessá-lo

em sua totalidade, não apenas as partes que estão mais facilmente a seu alcance ou em sua zona de conforto. Então, para mim, *turning South* significa mudar as orientações, mudar a forma como fazemos as coisas, como colocamos perguntas, como interrogamos nosso próprio conhecimento e nossa produção. Esse projeto, para mim, tem que tornar *queer* o nosso olhar.

Nesse sentido, e baseada em sua breve, mas esperamos que agradável visita ao Brasil, que tipos de paralelos você poderia desenhar entre essas duas realidades “subalternas”? O que temos a ganhar, o que temos a aprender olhando umas para as outras a partir de uma perspectiva Sul-Sul?

ZM – Essa é uma pergunta tão importante quanto necessária. É uma pena que a língua limite os intercâmbios Sul-Sul. Dependemos por vezes de traduções, que frequentemente inserem interpretações ocidentais às nuances que existem em nossas realidades. Eu estava intrigada a respeito de como minhas experiências e minha presença, como sul-africana *queer black*, repercutiria nas pessoas brasileiras com quem me engajei. Se por vezes não pudemos nos comunicar pela língua falada, o jeito com que olhávamos umas às outras e umas com as outras levaram-me a perceber que existe uma riqueza de conhecimento que juntas poderíamos gerar. Nós precisamos estar mais atentas às formas e os métodos de trocarmos e compartilharmos nossos olhares. Esses para mim são novos *insights* para a criação de conhecimentos múltiplos. É importante investirmos conjuntamente nessas estratégias.